Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VII-nº268-Uberaba/MG-de 11 a 17 de novembro de 2003

Aquarelas de Ary Barroso

Há 100 anos, nascia o compositor que reencantou as cores do Brasil

págs. 6, 7, 8 e 9

issuu-downloader.com

Editorial

Centenário Ary Barroso: um mito da história Brasileira

O **Revelação** desta semana faz uma homenagem especial. Neste ano de 2003 comemora-se o centenário de Ary Evangelista Barroso, um dos maiores compositores brasileiros de todos os tempos. Nascido em 7 de outubro de 1903, o irreverente Ary marcou a história da mídia brasileira.

Pianista e compositor exímio, teve um número considerável de composições gravadas por Carmen Miranda, Sílvio Caldas e outros. Quem não conhece canções como "Rancho Fundo" e "Aquarela do Brasil", um dos maiores clássicos da MPB? Esta última teve centenas de gravações no Brasil e no exterior. Um verdadeira obra-prima.

Ele também foi locutor de rádio e ficou famoso por tocar uma flauta de brinquedo ao anunciar um gol, e deixava claro a sua paixão pelo Flamengo.

E na TV atuou como humorista, ator e apresentador em um programa na extinta TV Tupi, "Encontro com Ari".

Ary Barroso faleceu aos 60 anos de idade, no dia 9 de fevereiro de 1964, em pleno domingo de carnaval, após segunda crise de cirrose hepática.

Aproveite o **Revelação** e conheça um pouco mais deste mito popular brasileiro.

OMBUDSMAN

Universidade: responsabilidade social

Newton Luís Mamede

Neste espaço, nossas reflexões críticas vêm considerando, com insistência, os aspectos gerais da instituição **universidade**, em seu sentido amplo e universal, e não de uma universidade em particular, localizada em espaço determinado. Importância da universidade no contexto social, seu objetivo e seu fim último, crises que enfrenta e desafios que ela deve propor-se, tendências da modernidade e do pensamento contemporâneo, novos rumos de conduta e de ação na formação de profissionais de nível superior, desvios e falhas que a universidade pratica, ou erros que comete e dissemina, todos esses temas, e outros mais, constituem objeto das reflexões a que nos referimos.

A sociedade confia na ação de uma escola superior porque ela mesma, a sociedade, atribuiu à universidade o traço, a marca de *superior*

O propósito é justamente despertar a atenção para a necessidade da consciência universitária de que devem estar imbuídos todos aqueles que trabalham ou atuam numa universidade, ou que dela dependem ou a ela estão vinculados, não importa sob que aspecto. Ou, ainda, evocar alguns princípios e objetivos essenciais e imediatos do papel da universidade e, mais especificamente, do sentido do trabalho que ela desenvolve, em sua essência de universidade. Princípios, objetivos, papel e sentido da universidade: atributos que constroem e cobram *responsabilidade*.

Essa responsabilidade decorre da essência mesma da instituição **universidade**, e se realiza em diversos campos e setores, sob diversos aspectos. Cada curso que ela oferta, cada currículo que constitui um curso, cada disciplina que constitui um currículo, cada programa de uma disciplina, cada aluno que ela acolhe e cada profissional que ela forma constituem o objeto e o resultado de seu trabalho e de sua missão, objeto e resultado de um exercício de responsabilidade. Preparar e formar alunos numa linha pedagógica e humanística, capacitá-los para o exercício de uma profissão de cunho científico e de nível superior e lançá-los no mercado de trabalho é uma ação que só pode subsistir sob a égide da responsabilidade.

Responsabilidade de lidar com pessoas em fase de formação integral; responsabilidade de não enganar e não iludir a sociedade; responsabilidade de cumprir o que se propõe, na sua essência de universidade; responsabilidade de estar sempre atenta às transformações sociais e de agir em consonância com elas; responsabilidade de oferecer segurança e eficiência em seu "produto", nos cursos que ela ministra; responsabilidade de manter sempre o nível de escola superior, fomentando e praticando o espírito científico e a seriedade do estudo; responsabilidade de ser sempre confiável.

A sociedade confia na ação de uma escola superior porque ela mesma, a sociedade, atribuiu à universidade o traço, a marca de *superior*. Traço e marca que somente podem ter sido inspirados no sentido, no sentimento e no senso de responsabilidade. Responsabilidade que a universidade, por sua vez, deve inspirar à sociedade. Admirável senso de inspiração recíproca.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Tatiane Oliveira Alves (mac_l@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Viagem

Descubra Araxá e região através do Guia de Turismo

Grandes empresas se unem para lançar um guia de viagem completo

Wander Marcio de Rezende
6º período de Jornalismo

A cidade de Araxá, com seu pólo turístico em ascensão, devido a reabertura do Grande Hotel, atrai pessoas de todas as partes do Brasil e do mundo. A cidade, conhecida como Terra de Dona Beja e do Sol, lugar denominado pelos índios arachás como "local onde primeiro se avista o sol" esconde belezas naturais e uma culinária de deixar qualquer visitante com água na boca… Bonita por natureza, assim é Araxá, cidade situada na região do Alto Paranaíba, há 120 quilômetros de Uberaba.

Para que estas riquezas escondidas nos arredores de Araxá e região fossem descobertas e divulgadas, a editora Empresa das Artes, em parceria com a Bunge Fertilizantes, Commig, Tropical Grande Hotel e Secretaria do Estado de Turismo lançou o mais completo guia de turismo de Araxá e região. O guia aborda um trabalho de pesquisa que oferece informações úteis da cidade e mais 13 cidades da região, dentre elas Uberaba.

Como dizia o poeta, "Minas são muitas... viver num estado como Minas é engrandecer nossa alma, é purificar nossos olhos...". E no guia podemos comprovar esta afirmação atrvés do acervo de fotos. O diretor presidente da Empresa das Artes e editor do guia, Fábio Ávila, ficou encantado com as riquezas e o potencial turístico da região. " No nosso trabalho de pesquisa para composição do guia, descobrimos que na região de Araxá encontramos a arte popular como predominância local por possuir um belo artesanato. A arte está no coração de Araxá. A gente quer desenvolver um trabalho de divulgação sobre a cidade para que as pessoas que aqui chegam já se sintam acolhidas, sabendo que Araxá possui um hotel maravilhoso, mas também muito mais coisas: a sua gente, sua história, sua culinária"- afirmou.

"Minas são muitas... viver num estado como Minas é engrandecer nossa alma, é purificar nossos olhos..."

Além dos benefícios naturais, oferecidos pela água sulfurosa e radioativa, e também a lama termal, os turistas encontram em Araxá uma cidade bela, rica em artesanato e com um povo muito hospitaleiro. A história da Dona Beja, personalidade admirada na terra, está contada em museu da cidade.

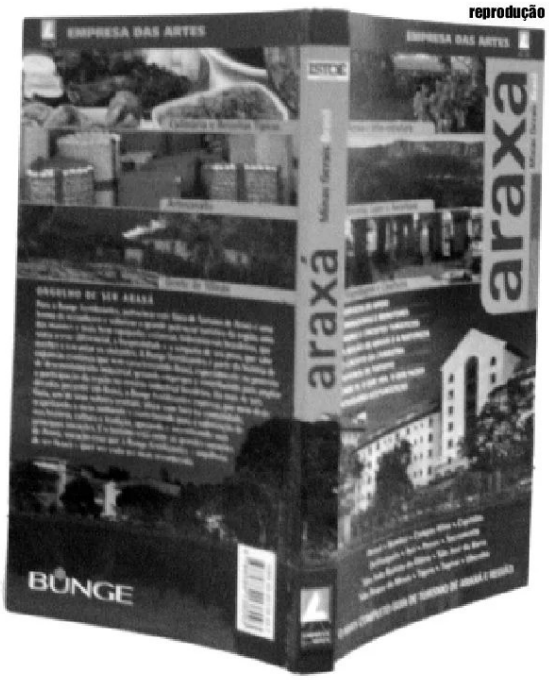
Uma das atrações que vem crescendo rapidamente na região, aproveitando a graciosidade da natureza, é o turismo rural, turismo ecológico e o turismo de aventuras. Privilegiada, a região desfruta de rios, lagos, cachoeiras, trilhas e serras, favorecendo a prática de passeios e esportes radicais. Hoje a cidade disponibiliza esportes como: escalada, rafting (descida de barco em corredeiras), rapel, trail de motos e jipes, esqui aquático e vôo livre.

Na cerimônia que marcou o lançamento oficial do guia de turismo, dia 30 de outubro, no Tropical Grande Hotel de Araxá, o diretor da Comig, João Alberto Pratini de Morais falou sobre o turismo de aventuras. " O lugar certo para turismo de aventura é em Araxá. A Comig está buscando parcerias com grandes empresas para criar um Centro de Aventuras incluindo diversas atividades como escalada, mountain byke, tirolesa, trilhas etc. A Comig firmará convênio com a UNIARAXÁ para apoiar a estruturação de um centro com referência para o turismo de aventura no país que busca resgatar as potencialidades naturais da região de Araxá. O centro de aventuras será uma grande oportunidade para os profissionais da área de turismo se prepararem para atender as futuras demandas de turistas".- concluiu.

O turismo de aventuras vem crescendo tanto que a cidade de Araxá poderá sediar, no ano de 2004, o Adventure Fair (maior evento de esportes, turismo de aventuras e ecoturismo da América Latina). A Serra do Bocaina, situada a 27km de distância da cidade, proporciona um dos mais belos visuais da região, lá foi construída uma rampa para a prática de vôo livre, que encanta ainda mais o local. Junto à rampa encontra-se um restaurante, com quiosque e área de diversão para crianças, tornando o lugar mais aconchegante e propício para a prática de turismo de aventuras.

Para a Bunge Fertilizantes patrocinar este Guia de Turismo de Araxá é uma forma de reconhecer os valores culturais e turísticos da região que, através da estância hidromineral do Barreiro, possui um diferencial que atrai os visitantes. O diretor de marketing da empresa, Maurício Sampaio acredita nesta iniciativa. "Patrocinar este guia é um orgulho para a Bunge Fertilizantes, pois ele irá incentivar o crescimento da indústria e do turismo, divulgando de forma mais ampla as atrações oferecidas por Araxá. O turismo é hoje, indiscutivelmente, uma das atividades que mais gera empregos estimulando e valorizando o desenvolvimento local e do país. Sabemos que turismo e respeito ao meio ambiente são parceiros inseparáveis. Patrocinamos este guia turístico, pois nós, da Bunge Fertilizantes somos comprometidos com o desenvolvimento sustentável e queremos levá-lo em todas as áreas em que atuamos".

reprodução



Guia mostra riqueza cultural das cidades mineiras

Já está comprovado que o turismo está entre as grandes vocações de Araxá e região, cada vez mais reconhecida pelas belezas naturais e pela hospitalidade do povo típico do interior mineiro. O Guia de Araxá guarda consigo uma riqueza magnífica que leva o turista a viajar por um caminho que parece não ter volta. O lugar onde "primeiro se avista o sol" hoje já pode ser denominado também como local onde o turismo está em primeiro lugar!

Além dos benefícios naturais, turistas encontram em Araxá uma cidade bela, rica em artesanato e com um povo muito hospitaleiro

Grande Hotel

Araxá, cidade famosa pelas propriedades de suas águas, foi cenário de grandes estadistas e personalidades. Exemplo disso foi Santos Dumont, o pai da aviação, que hospedou-se no antigo Hotel Rádio e o mineiro Juscelino Kubistchek que incessantemente realizava visitas ao Barreiro, em 1944.

Projetado pelo arquiteto italiano Luís Signorelli, o Grande Hotel foi inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas. Luxuoso, atrai a atenção pela magnificência, possuindo quatro fachadas, duas laterais, uma frontal e outra superior. Nos diversos ambientes destacam-se o mobiliário: lustres com cristais da boêmia, pisos em mármore carrara, belíssimos afrescos e vitrais.

O luxo dos recintos espelha o marco de uma época. Merecem atenção especial o salão de leitura , o scoth bar em estilo inglês, salão mármore com o salão de festas (onde funcionou o cassino) e as suítes presidencial e governador. Pelos corredores e salões circulavam atrizes famosas, cantoras da antiga Era do Rádio, homens importantes. O hotel , sem dúvida, foi palco de grandes decisões. Os presidentes da Nova República sempre prestigiaram e visitaram o Grande Hotel do Barreiro.

No acesso principal, com foyer circular, encontra-se uma rotunda com vitrais que retratam as conquistas Minas Gerais e o mapa do estado no centro. No piso do hall, encontra-se o desenho de uma mandala em forma de uma estrela de oito pontas, contrastando com a beleza dos afrescos que registram a colonização de Araxá e a trajetória dos bandeirantes na região. Ainda hoje, o grande Hotel e Termas do Barreiro, com 60 anos de história nos delicia e impressiona.

Ao lado do hotel, ligado por uma galeria suspensa de cerca de cem metros, estão as Termas de Araxá, onde se aproveitam os efeitos terapêuticos da fontes radioativa e sulfurosa para os banhos termais.

issuu-downloader.com

fotos: Luis Felipe Silva / arte: Revelarte

O rock como estilo de vida

Professor de guitarra, Régis vê passar pelos seus olhos um pouco da história do rock em Uberaba

Luis Felipe Silva
4º período de Jornalismo

Nos anos noventa, professor de guitarra tocou muito rock'n roll em bandas como Segundo Combinado

Régis Vital de Faria parece mesmo ter nascido para ser músico. Quando completou três anos já sonhava ganhar um violão, mas só aos oito pode ganhar o presente, graças a sua insistência e teimosia frente aos pais. Mas a verdadeira paixão pela música ele só foi encontrar na terceira série do ensino fundamental, quando escutou pela primeira vez discos do Iron Maiden e Saxon. Foi amor a primeira audição! A partir daquele momento Régis não parava mais de sonhar em ser um "rock star".

Entretanto, todos o julgavam muito novo para gostar de rock! "Este garoto ta só de onda, nem sabe o que é rock! Sai daqui moleque!" diziam os rockeiros mais velhos, com quem Régis passou a conversar procurando conhecer novas bandas. Com o tempo os marmanjos se acostumaram com a presença daquele menino entre eles, e também passaram a respeitá-lo. "Eles perceberam que estava falando sério" diz Régis com convicção. Foi nesta época também que passou a ter suas primeiras aulas de violão, que duraram apenas três meses. Com o primeiro professor, que Régis confessa nem lembrar o nome, aprendeu os primeiros acordes, mas não as músicas que queria tocar, já que aquele mestre nem as conhecia. Sem pestanejar, ele deixa as aulas, pega seus discos e tenta tirar as músicas "de ouvido". "Sempre tive um bom ouvido para a música. As poucas aulas que peguei foram de teoria. Aprendi a tocar sozinho" revela o guitarrista.

Quando o filho decidiu deixar o cabelo crescer então foi outra briga. "Meus pais achavam que aquilo era coisa do demônio" recorda aos risos

Quem não gostava daquela história de guitarrista de banda de rock eram seus pais, que ficavam horrorizados ao verem as capas de discos das bandas que ele gostava. Quando o filho decidiu deixar o cabelo crescer então foi outra briga. "Meus pais achavam que aquilo era coisa do demônio" recorda aos risos. "Mas não posso os culpar, o estereótipo de quem gostava de rock sempre foi de pessoas que usavam drogas e cultuavam demônios" constata. Régis acabou sendo obrigado a freqüentar o ensino religioso. Seus pais acreditavam que assim o filho poderia esquecer aquela música "doentia".

Régis acabou sendo obrigado a freqüentar o ensino religioso. Seus pais acreditavam que assim o filho poderia esquecer aquela música "doentia"

De nada adiantou, e Régis agora queria uma guitarra. Mas para conseguir convencer os pais a lhe darem aquele presente teve de ser muito mais paciente, pois seu pai já não agüentava mais este papo de ter um filho rockeiro. Mas o garoto era insistente, e sempre emendava as conversas com a pergunta "Pai, quando você vai me dar uma guitarra?" deixando o pai constrangido na frente de todos. Estava ficando difícil achar uma saída.

Aos quatorze anos, ao chegar em casa da escola, Régis escuta a seguinte frase: "Tem uma coisinha pra você no seu quarto!". Nem precisava dizer o que era, ele tinha certeza, era sua guitarra! Tudo bem que não era uma guitarra de ponta, longe disto, mas era a sua guitarra, agora ele podia formar aquela sonhada banda de rock!

Quando completa dezesseis anos, Régis e sua família se mudam para Uberaba. Ele era o mais apreensivo: naquela pequena cidade de interior existiriam pessoas que gostavam de rock? Nas primeiras semanas não encontrou ninguém, o que o deixou ainda mais preocupado. Foi quando começou a trabalhar para ter seu próprio dinheiro. A guitarra teve de ficar para os finais de semana, mas em compensação o dinheiro que recebia era investido em equipamentos de som. "Vendia minha férias para comprar um pedal" conta, mostrando mais uma vez como estava decidido a se tornar músico.

O Segundo Combinado

O fato de não poder mais tocar guitarra no meio da semana deixava Régis desesperado. Tanto que nesta época ele desenvolve um estranho hábito: todo dia, já de madrugada acordava no meio da noite para tocar. "Não chegava a ligar a guitarra para não fazer barulho e acordar o pessoal. Também não ascendia a luz, mesmo assim minha mãe acabou percebendo" relata.

Quem não gostava daquela história de guitarrista de banda de rock eram seus pais, que ficavam horrorizados ao verem as capas de discos das bandas que ele gostava

Capa do disco "The Number of the Beast", da banda de Heavy Metal "Iron Maiden"

issuu-downloader.com

Preocupada com a saúde do filho, ela passou a supervisionar se Régis estava ou não dormindo.

Durante o trabalho Régis conheceu Kennedy, o "Tuca" como era conhecido. Tuca partilhava boa parte o gosto musical de Régis, e era extremamente bem humorado. Vivia dizendo que as bandas que ele gostava eram melhores, provocava o guitarrista dizendo que ele poderia tocar na sua banda, na qual Tuca seria o vocalista. Depois de algum tempo Régis acabou aceitando a proposta, e juntamente com Fábio Sakoda na bateria e o irmão Wagner Júnior (Junão) no baixo, eles formaram o Segundo Combinado. O ensaio era todo final de semana, num cômodo atrás da casa de Régis. Os pais agora já apoiavam o filho e sempre tentavam reconciliar a banda depois das discussões, que não eram poucas. Quase nunca receberam queixas de barulho dos vizinhos, exceto por uma ocasião em que um deles começou a soltar fogos de artifício no meio da casa deles. "*Nós* acabamos tendo que chamar a polícia!" lembra com ironia.

"Já vi muito rockeiro começar a tocar pagode só para ganhar dinheiro. Música não é 'trampo' como alguns me dizem, música é paixão" desabafa

Com os ensaios, a banda ganhava desenvoltura e em 1996 resolvem gravar uma fita demo para tentar participar da Skol Rock. Para surpresa geral eles se classificam para a etapa final, e se apresentam para um público com mais de quinze mil pessoas! A mesma fita demo também é enviada para a revista Guitar Player Brasil, e se torna o destaque do mês de janeiro de 1997, na sessão de bandas de garagem!

Mesmo com esse presságio de sucesso, a banda acaba se desfazendo em 1998. Tuca se mudou para São Paulo, e hoje trabalha em estúdios musicais, além de ter aprendido a tocar bateria. Sakoda se mudou para o Japão, buscando tranqüilidade financeira. Júnior não se afastou da música, só que hoje está em outra praia: se tornou DJ!

"Rivalidade até pode existir, é algo natural, mas a competição que muitas bandas promovem em Uberaba não é algo saudável, pois só atrapalha o crescimento da cena"

Régis por sua vez conseguiu realizar seu sonho de viver da música: se tornou professor de guitarra, estando sempre sem horários vagos por conta da grande procura de garotos que como ele tem o sonho de um dia serem astros do rock.

Régis: o professor

Cansado de trabalhar em lojas, ainda tocando no Segundo Combinado, Régis sempre comentava com os amigos que gostaria de dar aulas de guitarra. Cansado de poder tocar apenas nos finais de semana, o guitarrista deixa o emprego na loja de eletrônicos, na qual vinha trabalhando à quase seis anos.

O irmão Júnior se encarregou de conseguir o primeiro aluno. "Seu nome era Rogério, que hoje é meu vizinho, mas já não toca mais" relembra o professor. Curiosamente, o primeiro aluno que o guitarrista teve queria aprender a tocar contrabaixo. "Dei as aulas, pois já sabia tocar, e eu mesmo tinha ensinado meu irmão" explica.

Uma semana depois Régis já tinha quinze alunos. Sem ter tempo para perceber, o guitarrista já podia pagar todas as suas despesas fazendo aquilo que mais gostava. E se engana quem acha que só ele ensina, já que o professor revela que sempre pode se aprender algo novo com os alunos. "Costumo me tornar amigo dos meus alunos. Eles sempre estão me mostrando músicas e revistas de guitarra" conta entusiasmado.

Para Régis a maior alegria em ser professor acontece quando ele vê seus alunos se apresentando e se desenvolvendo como músicos. "Na música não se pode ter pressa, devemos sempre buscar o aperfeiçoamento" ressalta o músico. Para conseguir ser um guitarrista portanto é preciso além da paixão, muita paciência. Felizmente, segundo ele, cada vez mais os alunos percebem isso, e seguem com perseverança, demonstrando uma real paixão pela música.

O futuro do rock'n'roll em Uberaba

"Uberaba já tem um grande cenário musical, e uma cena rockeira muito legal, com muitas bandas boas, o que falta é divulgação e que os bares e pequenas casas de show abram espaço para elas". Com esta afirmação o guitarrista entra em um ponto crucial para a sobrevivência da cena em Uberaba: a divulgação.

Para Régis é preciso antes de tudo que os músicos revejam sua posição perante a música. "Já vi muito rockeiro começar a tocar pagode só para ganhar dinheiro. Música não é 'trampo' como alguns me dizem, música é paixão" desabafa. O lado financeiro tem ocupado um local de destaque na cabeça de muitos músicos, e isso prejudica a cena. "Se todos os rockeiros tocarem outros estilos para ganhar dinheiro ai sim é que não vai ter mais lugar para as bandas de rock se apresentarem" analisa. Uma solução sugerida por Régis para tentar contornar este problema é a criação de uma espécie de associação das bandas de rock da cidade. "Seria feito um cadastro com todas as bandas que estiverem em reais condições de se apresentar pela cidade afora" explica o guitarrista, que aproveita para pedir o apoio da imprensa nesta divulgação. "Vocês poderiam anunciar a criação do cadastro e depois torná-lo público. Depois, quando os donos de casas noturnas perceberem o crescimento do público deste seguimento eles abrirão as portas para nós" completa, embasando a teoria.

Apenas um problema é observado pelo professor: a rivalidade e desunião de grande parte das bandas da região, com uma tentando se dar melhor que a outra. "Rivalidade até pode existir, é algo natural, mas a competição que muitas bandas promovem em Uberaba não é algo saudável, pois só atrapalha o crescimento da cena" explica o músico, que revela ainda ter esperanças de que as coisas vão melhorar por aqui. "As coisas estão melhorando, muito lentamente, é verdade, mas já da pra enxergar uma luz no final do túnel".

"Costumo me tornar amigo dos meus alunos. Eles sempre estão me mostrando músicas e revistas de guitarra"

issuu-downloader.com

Ary Barroso

O Brasileiro mais brasileiro

Há 100 anos nascia em Ubá (MG) um dos artistas mais irreverentes e geniais da história da Música Popular Brasileira

Fábio Luís da Costa
3º período de Jornalismo
Graziela Christina de Oliveira
1º ano de Jornalismo

Ary Evangelista Resende Barroso nasceu no dia sete de novembro de 1903, na cidade mineira de Ubá, na Zona da Mata, Minas Gerais. Ainda criança, ficou órfão. A tuberculose, doença muito temida na época e sem cura, levou os pais do menino à morte que, passou aos cuidados da avó materna, Gabriela Augusta de Resende, e da tia, Rita Margarida de Resende, quem introduziu a arte musical na vida do menino. Desde os 10 anos, Ary era obrigado a estudar piano três horas por dia. E a tia, muito severa, tinha um estranho, porém eficiente modo de ensinar Ary: fazia com que ele tocasse com um pires nas costas das mãos e, ai se o deixasse cair!

"Tinham pensado em tudo, menos num pormenor importante: 40 contos de réis nas mãos de um rapaz solteiro nunca seriam gastos nos estudos das Ciências Jurídicas"

Mas tanto sacrifício acabou por despertar o gosto pelo instrumento cheio de cordas e teclado. Para ajudar nas despesas, Ary começou a tocar no Cine Ideal, onde "Tia Ritinha" já trabalhava. E mesmo com pouca idade, clássicos como Chopin e Beethoven já estavam incorporados no trabalho do menino. Seu talento despontava tanto que participou da primeira Orquestra Sinfônica do Estado, em sua cidade natal.

reprodução

Ary e Ivone Barroso casaram-se contra a vontade da família da noiva

Em suas brincadeiras, Ary inventou o Circo Barroso. Armado no quintal de sua casa, com os lençóis da tia. O menino mostrava seu gato e o garoto do trapézio, Atual Brandão, como apresentações. E cobrava ingresso: uma caixinha de fósforo, vazia, com uma bandeira desenhada ou dez palitos de fósforos. E claro, também adorava futebol. Era goleiro do Aimorés Futebol Clube e, como era míope, tinha que jogar com óculos.

A vida escolar de Ary foi tranqüila. Cursou o primário na escola Professor Cícero Galindo. De lá, foi para o Ginásio São José e, depois, para o de Viçosa. Mais tarde, foi para o do Rio Branco e acabou expulso por ter ido a um baile escondido. E expulso mais uma vez. Do Ginásio de Leopoldina, por ter bebido com um amigo. Mas em Cataguases, finalmente conseguiu concluir o ginásio. Nessa fase, já despontava no compositor aquele caráter boêmio, de noites perdidas nos bares com amigos.

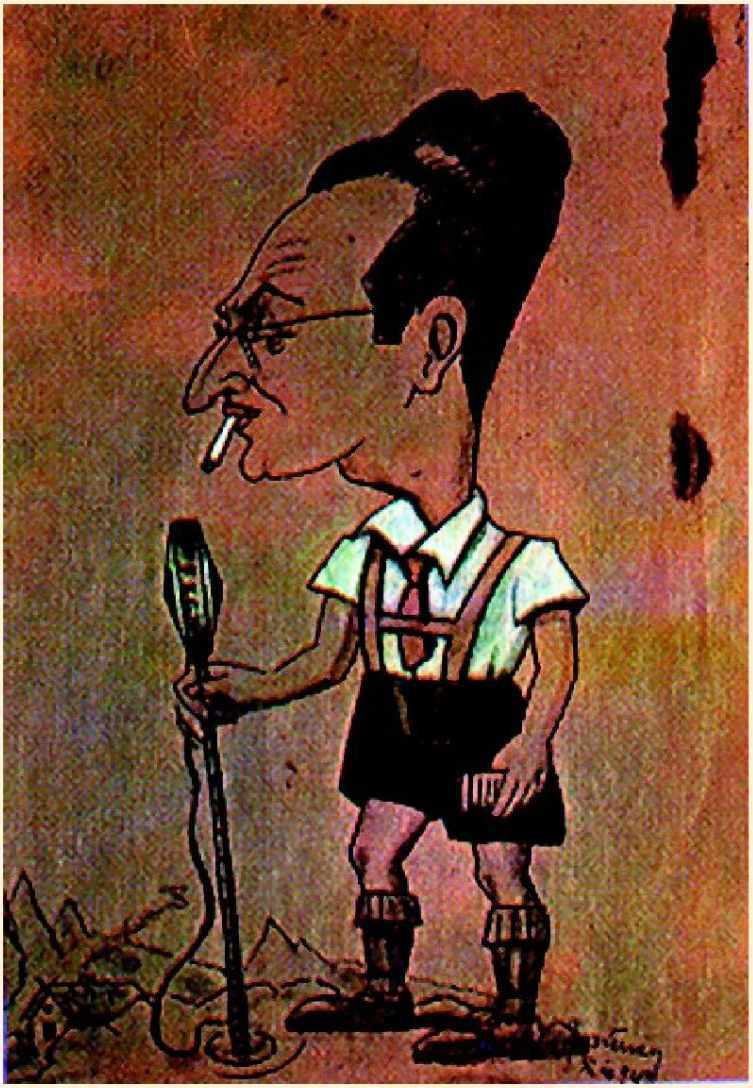
A vida na capital

" *O nêgo tá moiado de suó*
Trabaia, trabaia, nêgo
As mãos do nêgo tá que é calo só,
Trabaia, Trabaia, nêgo..."

A primeira vez que foi ao Rio de Janeiro, Ary tinha 16 anos e foi visitar o tio político, Sabino Barroso. Corria o ano de 1919 e, nessa época, o Rio era a capital do país. Intenso movimento, corre-corre de pessoas, carros, enfim, um mundo completamente diferente que encantou o menino. Mas ele ficou mesmo deslumbrado quando viu o mar.

Dois anos depois, Ary Barroso voltou ao Rio de Janeiro, desta vez, para ficar. E apesar de gostar muito de Ubá e de tudo que vivera lá, o rapaz precisava continuar os estudos. Ele e o tio Juca (José Augusto de Resende), seu tutor, pensavam na carreira acadêmica de Ary. O curso pretendido era o de Direito.

Com a morte de seu tio Sabino, Ary herdou uma pequena fortuna para sustentar-se na vida na cidade grande. Mas o dinheiro logo acabou, e ele explicou o porquê numa entrevista: "Tinham pensado em tudo, menos num pormenor importante: 40 contos de réis nas mãos de um rapaz solteiro, inquilino da Pensão Miramar, na rua Corrêia Dutra, nunca seriam gastos nos estudos das Ciências Jurídicas."



Para cobrir as despesas, Ary voltou a tocar piano como fazia em Ubá. Era o ano de1923. De manhã, cursava as aulas na faculdade. À tarde e à noite, se revezava no Cine Íris e Odeon para ganhar 24 mil réis. Como ele mesmo disse " Fiz do piano a minha enxada". E assim, ele terminou os estudos, mas apenas em 1930.

Ainda em 1923, tinha trabalhado como pianista da orquestra da sala de espera do Teatro Carlos Gomes. E foi então que o músico J. Tomás o conheceu e o levou para sua banda, a Brasilian Jass

Desta foi para a Trianon, de Alarico Paes Leme, American- jass, de José Rodrigues e, depois, convidado para a Jass-band Sul Americana, de Romeu Silva.

Em 1925, Félix Pacheco, então ministro das Relações Exteriores, convidou a Jass-band para

issuu-downloader.com

uma viagem à Europa. Ary não aceitou. Preferiu terminar os estudos e, além disso, começava um namoro com Ivone. A filha da dona da pensão onde morava.

Fora da Jass-band, Ary teve que tocar em bailes. Depois, foi parar na Orquestra do Maestro Spina, em São Paulo. E então, pôde aprimorar seu lado de compositor.

A grande companheira

" Está fazendo um ano e meio, amor
Que o nosso lar desmoronou,
Meu sabiá, meu violão
E uma cruel desilusão
Foi tudo que ficou
Ficou, ô ô
Pra machucar meu coração"

Em 1931, Ary Barroso se casou com Ivone. Para sustentar a família, além do piano, Ary também se aventurou por outras áreas. Foi produtor de teatro, jornalista e até político. Com isso, passava mais tempo fora de casa. E Ary foi se adentrando pelo mundo boêmio, mas mantendo seu próprio estilo e personalidade.

O compositor queria fazer valer os seus direitos autorais e, por isso, tornou-se o primeiro artista brasileiro a buscar um vínculo entre artistas e gravadoras.

E tanto prestígio lhe rendeu outras atividades: atuou em transmissões de jogos de futebol, como comentarista esportivo; cronista e vereador.

Na época de vereador, surgiu um convite para trabalhar na *Walt Disney*. Os Estados Unidos queriam conquistar nosso país como mais um aliado. O momento era de tensão, pois estava começando a 2ª Guerra Mundial e o governo americano temia que o Brasil se bandiasse para o lado nazista da Alemanha de Hitler.

Chegando ao Brasil, a equipe da *Walt Disney* queria conhecer uma música típica do país tropical. Foi apresentado *Aquarela do Brasil,* não muito bem interpretado, que serviria de pano de fundo para as histórias do personagem *Zé Carioca,* no filme, *Alô Amigos*.

Walt Disney pediu para conhecer o compositor da tal melodia e acabou usando outras canções de Ary em seus desenhos como "No Tabuleiro da baiana" e "Os quindins de Iaiá" no desenho "Os Três Cavalheiros".

Maravilhada, a equipe queria levar o brasileiro para trabalhar nos EUA. Ary não aceitou, alegando que lá, não existia Flamengo.

E com tanto trabalho, sobrava para Ivone cuidar da casa e dos filhos. Quando se casaram, contra a vontade da família de sua amada, ele tinha 27 anos e ela, apenas 20. Tão nova, teve que aprender a se virar para manter tudo em ordem. O casal teve dois filhos: Flávio Rubens e Mariúza. O filho dizia que a mãe era o "o homem da casa".

A música Aquarela do Brasil foi utilizada na estratégia de aproximação que os EUA realizaram durante a Guerra Fria

Nasce Aquarela do Brasil

"Brasil,
meu Brasil brasileiro
meu mulato inzoneiro
vou cantar-te nos meus versos..."

Em um dia chuvoso, Ary se levantou do piano e mostrou a recém-composta música para o cunhado. O comentário veio logo em seguida: " coqueiro que dá coco? O que você queria que ele desse?" Apesar de ter ouvido a crítica, Ary não se importou e ficou satisfeito: obteve êxito ao retratar um samba, onde desse ênfase às belezas de seu País e conseguiu. Estava cansado das convencionais letras de histórias simplórias de bebida, dinheiro e até mesmo de amores fracassados que naquela época dominavam o samba.

Maravilhada, a equipe de Walt Disney queria levar o brasileiro para trabalhar nos Estados Unidos. Ary não aceitou, alegando que lá, não existia Flamengo

O cunhado não sabia e, tampouco Ary, mas surgia naquela chuvosa noite, do ano de 1939, a música que lançaria o compositor no cenário internacional, e assim levaria consigo o nome do país que tentava se abrir para o exterior. *Aquarela do Brasil* foi gravada no mesmo ano, na voz de Francisco Alves, tornando-se quase um hino nacional, um sucesso presente nos dias de hoje e que caracteriza o Brasil.

O estilo grandiloqüente e a batida do piano imitando um tamborim agradariam, algum tempo depois, *Walt Disney*, e tornaria a música conhecida em toda a América do Norte como *Brazil* e traria dólares para seu criador.

Aquarela e o mundo

" ... o Brasil, samba que dá
Bamboleio, que faz gingar
O Brasil do meu amor
Terra de nosso Senhor"

O Brasil vivia sob a ditadura do Estado Novo, em 1937. Tempos de repressão e censura! O Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP- estava de olhos e ouvidos atentos a qualquer letra de musica que surgia. Passou-se o tempo de sambas sobre malandros, vagabundos e boêmios. Imaginariamente, o samba-canção composto por Ary Barroso naquela chuvosa noite carioca parecia servir como luva a essas necessidades políticas. *Terra boa e gostosa, noites claras de luar, fontes murmurantes, Brasil lindo e trigueiro.*

A exaltação do compositor à sua pátria parecia não ter limites. Entretanto, com toda essa declaração de amor às belezas da nação, *Aquarela do Brasil* não era a música dos sonhos do DIP. Os censores vetaram o verso " terra do samba e do pandeiro", sob a alegação de que era depreciativa para o País. Para preservar a letra da música, Ary foi obrigado a ir ao Departamento argumentar com eloqüência para a liberação. Com um sucesso promissor, a música foi liberada e gravada.

Anos 30

"Sei que falam de mim,
Sei que zombam de mim,
Oh! Deus...
Como eu sou infeliz!"

Em princípios dos anos 30, porém, a situação financeira era bem diferente. Casado e com dois filhos e, tendo abandonado a promissora carreira de advogado, Ary se encontrara diante de um grande problema: como sustentar sua família? Era inviável ter dinheiro somente com a música popular. Assim, o compositor não parava de reclamar cada mil réis a que tinha direito como autor. E trabalhava sem descanso: brigava pela gravação de discos, compunha para o teatro, tocava em orquestras.

Esses interesses não eram somente pessoais, tinha outros fundamentos. O país estava em uma rápida mudança. A república oligárquica do café-com-leite, centrada entre Minas Gerais e São Paulo, dera lugar a um novo governo com a Revolução de 1930. A sociedade tornava-se cada vez mais urbana, as cidades cresciam assustadoramente. Nesse novo mundo urbano, os meios de comunicação de massa tornaram-se um fenômeno. As ondas do rádio estavam com uma melhor definição, e cada vez mais potentes. A popularização dos aparelhos receptores produzidos em séries estava ao alcance de todos.

Diante desse novo contexto, o rádio deixava o amadorismo dos primeiros anos para apostar em uma programação organizada, com belas orquestras, cantores e músicas, feitas para agradar o gosto do grande público. A vida boêmia de alguns músicos diminuía, pos integravam-se aos quadros das novas emissoras.

Ary foi um desses artistas. Em 1932, o compositor inseriu-se como pianista na Rádio *Philips*. Não satisfeito, participou de um concurso de locutores promovido pela emissora, tirando o terceiro lugar. Começava ai, o início de uma carreira que o levaria por muitos caminhos simultâneos, de comentarista esportivo a apresentador de *show* de calouros.

"Guerra" entre Rádio e Jornal

" No dia em que apareci no mundo
Juntou uma porção de vagabundo
Da orgia
De noite teve samba e batucada"

Como não poderia passar em branco, a estréia de Ary Barroso como locutor, em 1934, foi marcada por uma polêmica. Tudo começara quando o crítico de cinema do jornal *O Globo*, Henrique Pongetti escreveu um artigo elogiando o filme americano *Voando para o Rio*. Ary achou tudo aquilo uma banalidade e, durante o programa *Horas do outro mundo*, espinafrou tanto o filme quanto seus defensores brasileiros. E citou Pongetti nominalmente.

A partir daí se instaurou uma guerra entre o *Jornal O Globo* e a Rádio Philips. Com pouco mais de uma década de vida profissional, o rádio ainda tinha menos força do que a imprensa escrita. No entanto, esse confronto resultou em vitória para o rádio: o jornal enviou um redator à Philips, em missão de paz.

continua

issuu-downloader.com

Alguns anos se passaram e, em 1937, Ary Barroso substituiu Paulo Roberto e Edmundo Maia no primeiro programa de calouros do rádio brasileiro, comandado na emissora de Rádio Cruzeiro do Sul. Logo que assumiu o comando do programa, o apresentador fez algumas alterações. Dentre elas, a substituição da famosa campainha pelo gongo. Ary brincava com os calouros, fazendo os ouvintes se divertirem com os absurdos ditos no microfone. Assim o programa ficara famoso por tamanha alegria que o rodeava.

Já na extinta TV Tupi, instituiu o gongo, que era tocado pelo auxiliar de portaria da rádio, Macalé. O calouro desafinava e Ary fazia um gesto preestabelecido – coçar a cabeça, segurar o botão do paletó- e Macalé já sabia: gongo nele!

Sempre preocupado em defender a música brasileira, não gostava quando um calouro cantava bolero ou tango. E exigia que anunciassem o autor da música, para prestigiá-lo. Essa exigência motivou inúmeras confusões engraçadas, algumas com seus próprios sambas.

O calouro anunciava que ia cantar um "sambinha" de autor desconhecido: *Aquarela do Brasil*… Ou, se espantava : "Ué *Risque* não é da Linda Batista?" Outros, cantavam composições de Vinícius de Moraes e Tom Jobim e anunciavam apenas o nome do poeta. Ary perguntava: " E o Tom?" Resposta: "Sol Maior".

Ângela Maria e Lúcio Alves começaram em seu programa. Mas Ary, desgostoso com o pouco tempo que lhe era concedido na TV Tupi –25 minutos- acabou encerrando definitivamente o programa.

As Lutas e Glórias no futebol

" No tabuleiro da baiana têm
Vatapá, oi!
Caruru
Mugunzá, oi
Tem umba, prá ioió!"

Mesmo com tantas atividades, Ary sempre encontrava um tempinho para sua grande paixão: o futebol. O compositor ficou entusiasmado quando surgiu ao acaso uma chance de trabalhar como locutor esportivo.

Mesmo com tantas atividades, Ary sempre encontrava um tempinho para sua grande paixão: o futebol

Afonso Scola, locutor esportivo da Revista Cruzeiro, adoeceu na véspera do Fla-Flu de 1935. Paulo Roberto, sabendo que o compositor tinha afinidades com o futebol, o convidou para a substituição.

Nasceu assim um dos aspectos mais fascinantes da vida de Ary Barroso: suas aventuras como locutor de futebol.

Começou num Fla–Flu, jogo de significado especial para ele: poucos sabem, mas Ary fora torcedor do Fluminense até o dia em que foi barrado na porta do clube, e ficou chateado com a diretoria.

Um amigo levou-o ao Flamengo. Ary gostou da turma, começou a se identificar e em breve tornou-se membro dos "Dragões Negros", agrupamento de torcedores fanáticos do clube. Lá chegou a vice-presidente do time.

Mas a vida de um locutor esportivo não era das mais fáceis. Não existiam ainda as cabines para a imprensa e os jogos eram transmitidos do meio da torcida, sob sol ou sob chuva.

Quando acontecia o gol, ninguém conseguia ouvir a transmissão, pois a gritaria da torcida abafava os mais poderosos gritos de locutores.

Ary buscava sempre inovações em suas diversas atividades. Na área de locutor esportivo não seria diferente. Preocupado com o incômodo da torcida ao transmitir os gols, ele experimentou alguns aparelhos sonoros para avisar aos ouvintes os possíveis gols marcados.

Depois de muito experimentar - sinos, sirenes, sanfonas - encontrou o que procurava: uma gaitinha de bolso. A inovação foi aceita pelos ouvintes. Talvez nem todos, pois Ary ficou famoso por não esconder sua preferência pelo Flamengo e pelas diversas polêmicas criadas além de irreverentes comentários feitos aos clubes cariocas e seus jogadores.

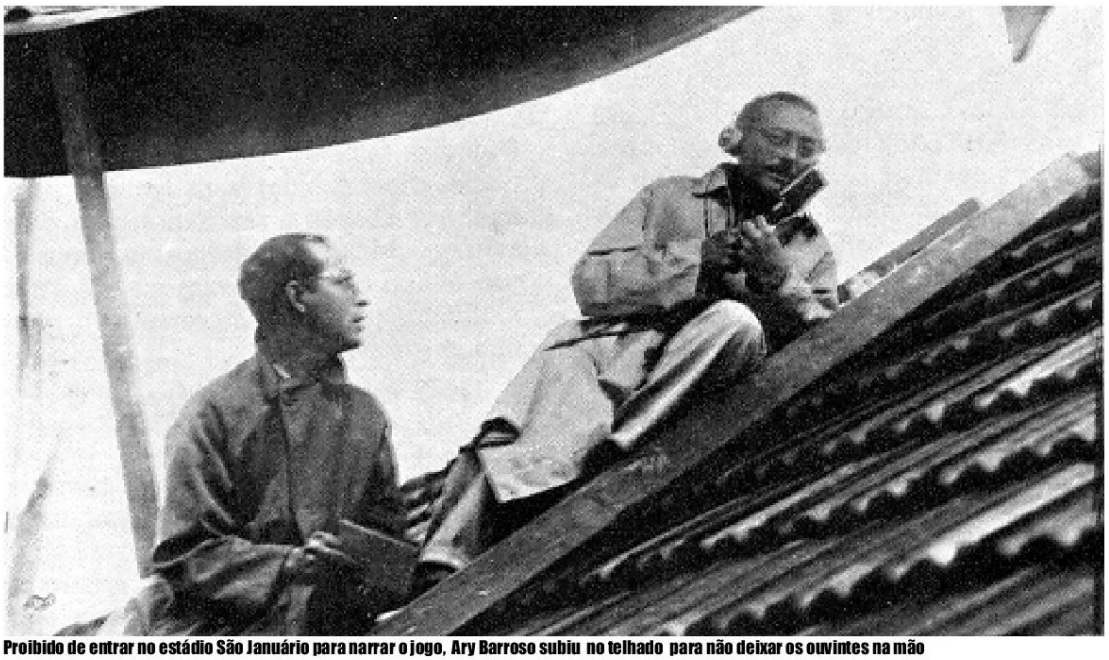
A estréia da gaitinha aconteceu na transmissão do jogo de Vasco e São Cristovão, em que os vascaínos venceram por sete a um. Foram, portanto, oito apitos da gaita. O sucesso causou frenesi e aumentou com a escandalosa parcialidade do locutor: gols do Flamengo eram comemorados com sopros muito mais longos do que os das outras equipes. Já os gols sofridos pelo seu time rubro negro, eram assinalados com dois apitos curtos, se muito. Assim, a popularidade disseminava diante a torcida flamenguista, que, por sinal, ia ao delírio com seus longos apitos. Do outro lado, os adversários adoravam imaginar todo o sofrimento do locutor pelo toque ressentido do instrumento.

No ano de 1944, "o homem da gaitinha", o compositor, o jornalista, e o cronista não resistiram: Ary abandonou o microfone seis minutos antes de terminar a partida. Era o jogo Vasco e Flamengo, e o "Mengo" de Ary tornava-se tricampeão. Sem lembrar mais nada, lá estava ele, na beira do gramado, chorando de alegria e esperando o apito final para invadir o gramado e comemorar como um torcedor comum.

Diversas aventuras marcaram a vida de Ary como locutor esportivo. Violentamente criticada pelo locutor, a diretoria do Vasco da Gama, certa vez, proibiu sua entrada no Estádio de São Januário, onde se travaria importante jogo de Vasco e Fluminense. Como não se dava por vencido facilmente, transmitiu o jogo de um telhado das vizinhanças, auxiliado por binóculos.

Ary passou a se preocupar com a "bolerização" do samba, com os elementos que ele não considerava autênticos na música brasileira

Ary Barroso podia reclamar de qualquer coisa, menos de tédio em sua rotina profissional. Transmitia jogos de futebol na Rádio Cruzeiro do Sul, apresentava um programa esportivo diário, participava de humorísticos, comandava seu *Calouros em Desfile*, escrevia quadros para os radioatores e, às vezes, ainda se sentava ao piano para acompanhar algum cantor.



arquivo Editora Abril

Proibido de entrar no estádio São Januário para narrar o jogo, Ary Barroso subiu no telhado para não deixar os ouvintes na mão

Bossa Nova e MPB

" No Rancho Fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Onde a dor e a saudade
Cantam coisas da cidade"

Ary Barroso sempre foi um defensor da música popular brasileira. Os anos 50 chegavam e, com eles, a invasão "ianque" se consolidava. Os compositores brasileiros digeriam, com uma facilidade cada vez maior, as formas de blues e jazz que vinham dos Estados Unidos e começavam, lentamente, a transformar os ritmos nacionais. Na verdade, o que incomodava Ary era o processo que daria origem à Bossa nova, e mudaria para sempre a história da MPB. Ary passou a se preocupar com a "bolerização" do samba, com os elementos que ele não considerava autênticos na música brasileira, com a comercialização do carnaval e das estações de rádio. Isso tudo resultou no afastamento de suas composições da mídia. Além de uma grande rejeição à bossa nova.

Saúde abalada

" Morena boca de ouro
Que me faz sofrer
O teu jeitinho é que me mata"

No começo dos anos 60, a saúde de Ary já estava mostrando sinais de cansaço. Diagnosticada, a cirrose hepática, o fígado do

issuu-downloader.com

compositor estava arruinado, levando- o à cama. Assim, ele abandona a TV, passando seus dias em casa, geralmente sofrendo dores horríveis.

A sáude já estava tão fragilizada que seu estado de saúde piorou em 64 e levado às pressas ao hospital.

Era domingo de carnaval e, na avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, a multidão esperava ansiosa a entrada da Escola de Samba Império Serrano. O nome do Enredo, daquele ano era *Aquarela do Brasil*. Tudo pronto, quando chega a notícia: Ary Barroso Morreu.

O corpo do compositor foi homenageado pelos foliões, que abandonavam a incessante alegria e ficaram nostálgicos. Tantas músicas feitas por Ary foram lembradas. No dia seguinte, ele foi enterrado sem discursos, como desejava. No ar, o som de Aquarela do Brasil. Na memória de todos, canções que a nação nunca mais esqueceria.

Já, em 1988, Ary seria novamente tema de escola de samba, desta vez da União da Ilha do Governador. Nos versos do samba-enredo, a grande verdade: " É o povo ainda canta as suas canções".

Os intérpretes

" *... meu coração é um pandeiro*
Gingando o compasso
De um samba feiticeiro
Samba que zomba da gente
O amor é um samba tão diferente..."

A rejeição à bossa nova e ao que ela trazia de novidade fez com que as composições de Ary deixassem de ser tocadas nas rádios a partir dos anos 50. Depois do surgimento da bossa, vieram os festivais, o tropicalismo entre outros. A incomparável obra de Ary parecia condenada a se resumir em *Aquarela do Brasil*, geralmente tocada em festas oficiais.

Essa situação durou até o início da década de 70, quando Elis Regina regravou *Aquarela* e *Na batucada da vida.* Era o início da reabilitação do compositor no cenário musical brasileiro. *Na Batucada da vida*, a interpretação de Elis chegou a superar, na opinião de muitos, a gravação original, feita em 1934 por Carmen Miranda.

Os principais intérpretes de Ary são mesmo os das décadas de 30 e 40. Uma de suas cantoras favoritas, além da amiga Carmen Miranda, era Dircinha Batista, que entrou para a história como uma das grandes estrelas dos anos de ouro do rádio. Entre as inúmeras composições de Ary gravadas por ela, destaca-se *Nunca mais*, em 1940.

Outros interprétes, além de Dircinha Bastista, destacam-se nas canções de Ary. Aurora Miranda, irmã de Carmen, Ângela Maria, Araci Cortes e, Elisa Coelho também regravaram composições dele. Esta última seria a interpréte de *No rancho fundo* , e *Nega baiana*, em 1931, quando foi acompanhada pelo Bando de Tangarás. No ano seguinte, Elisa ainda gravaria a canção, *Primeiro Amor* com Rogério Guimarães ao violão e o próprio Ary ao piano.

No início dos anos 90, os cantores sertanejos Chitãozinho e Xororó regravaram a canção *No Rancho Fundo* de Ary e Lamartine Babo e, transformou a música em um grande sucesso.

A grande amiga Lusitana

" *Como vaes você?*
Vou navegando, vou temperando
Pra baixo todo santo ajuda
Pra cima a coisa toda muda
E como vaes você?"

arquivo Editora Abril

A vedete Carmen Miranda foi uma de suas melhores amigas e intérpretes

Carmen Miranda não apenas gravou muitas composições de Ary Barroso, como foi, também, uma de suas principais amigas.

Inúmeras passagens da relação dos dois ficaram registradas na memória da música. No ano de 1936, Ary interrompeu sua ro[illegible] como radialista para ir ao estúdio da Odeon, participar da gravação que Carmen faria de sua música *Como "vaes" você?*. A missão do compositor era fazer a pergunta que intitulava a música, em tom zombeteiro, enquanto Carmen cantava. A cada repetição ele procurava dar uma entonação diferente, mantendo sempre um ar desrespeitoso.

O resultado disso, foi um grande prejuízo para a gravadora: a cantora não conseguia se controlar e caía na gargalhada. Na época, as gravações eram feitas com uma substância cerosa qie só podia ser utilizada uma vez. Se houvesse interrupção, a "cera" tinha que ser jogada for a. Assim, uma vez que a gravação era iniciada, ninguém podia errar.

Se Carmen não fosse famosa, talvez a gavação nem tivesse saído. Na versão final – na qual ainda se percebe o riso da artista - , Ary quis saber o motivo de tanta gargalhada. Ao que ela respondeu: " Isso é voz que se use?".

Na década de 40, Ary e Carmen dividiam o posto de artistas nacionais mais conhecidos no exterior, especialmente nos Estados Unidos.

Carmen Miranda teve sua aceitação entre os grandes estúdios por questões políticas, já que, na época, os Estados Unidos praticavam um relacionamento de boa vizinhança com os países latino-americanos. O talento incomparável de Carmen, no entanto, foi além, e fez com que sua passagem por Hollywood fosse extremamente marcante. Em 1941, tornou-se a primeira artista latino-americana a ser perpetuada na calçada do Teatro Chinês, imprimindo suas mãos e os saltos de seus sapatos sob a inscrição Viva! à maneira sul americana.

Maria do Carmo Miranda da Cunha – Carmen Miranda nasceu em 1909 em Marco Canavezes, distrito de Porto, Portugal. Chegou ao Brasil quando tinha três anos de idade. Aqui, ela se transformou em uma artista popular, mistura cantora e vedete.

Acervo Goulart de Andrade

Música "No rancho fundo" foi dedicada a Elisa Coelho, amigo do compositor

Na Batucada da vida, a interpretação de Elis chegou a superar, na opinião de muitos, a gravação original, feita em 1934 por Carmen Miranda

Colaboraram com textos, fotos e referências: Décio Bragança e Osmar Barone. Fontes de pesquisa: publicações Editora Abril

issuu-downloader.com

Ary Barroso

O garoto e o lendário locutor

Gilberto Lacerda
6º período de Jornalismo

O que existe em comum entre um garoto de 18 anos, um grande compositor brasileiro reconhecido internacionalmente, um ascensorista, um radialista emocionado e um cantor de samba de breque? Acompanhe os próximos parágrafos que você vai descobrir.

O ano: 1942. A cidade: Rio de Janeiro. O local: o elevador que sobe lentamente pelos andares de um prédio localizado na avenida Venezuela, na capital carioca. O ascensorista: um negro que canta e batuca o tempo todo dentro do elevador. O coração: disparado de um jovem de 18 anos prestes a enfrentar o lendário locutor. O lendário locutor: no sétimo parágrafo será revelado. "Quarto andar, garoto", diz o ascensorista batuqueiro.

O radialista Geraldo Barbosa dos Santos relembra emocionado a reportagem que fez com Ary Barroso

O garoto tímido sai do elevador com passos vacilantes e caminha até a entrada do teatro da rádio Tupi, onde acontece o mais famoso show de calouros da época. "Daqui a pouco é você", gralha uma das produtoras do programa com sua voz aguda.

Enquanto espera sua vez de entrar no palco o garoto fica lado a lado com seus grandes ídolos. Ao seu lado, a poucos metros a cantora Araci de Almeida. Se assusta ao ser questionado por uma voz grave, semelhante a um rosnado do tigre.

– Ei rapaz, como está a gola da minha camisa?

– Perfeita. Francisco Alves? – questiona boquiaberto o garoto ao se deparar com o cantor das multidões.

No palco, um senhor magro de estatura mediana, bigodinho de seresteiro, cabelos penteados para trás, eternamente umedecidos por algo pastoso, anuncia mais um calouro. Ao entrar no palco, o rapaz é surpreendido por um canhão de luz que o deixa zonzo e cego por alguns segundos. Diante do microfone, olha perdido para um horizonte interminável de uma interminável platéia a bater palmas.

– O senhor vai cantar qual música?", pergunta o lendário locutor.

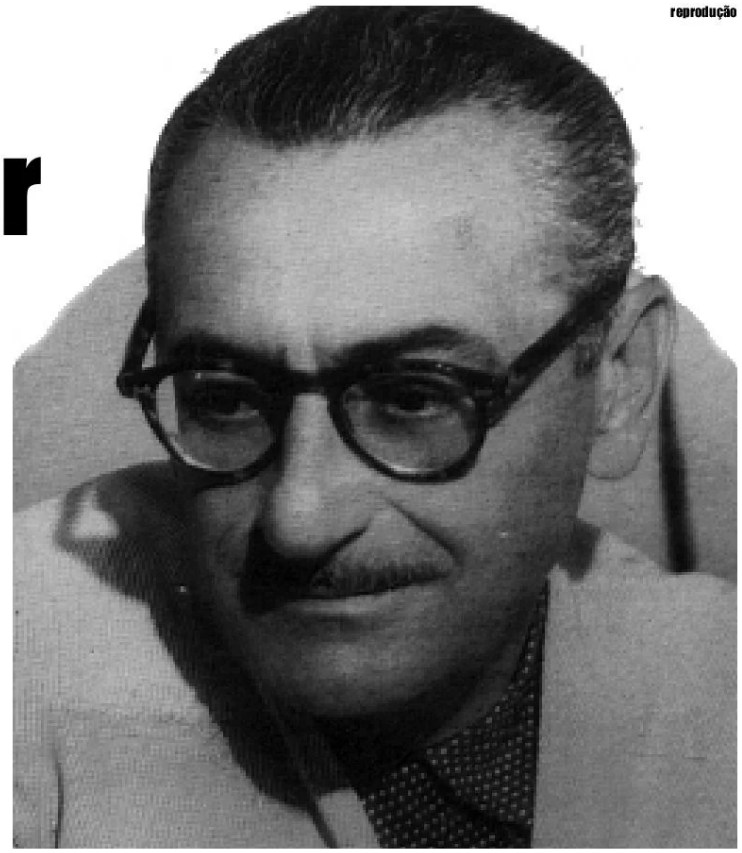
– Me esqueci o nome, mas é do Gilberto Alves, seu Ary Barroso.

Matutando

Voltemos à pergunta do primeiro parágrafo. O que existe de comum entre um garoto de 18 anos, um grande compositor brasileiro reconhecido internacionalmente, um ascensorista, um radialista emocionado e um cantor de samba de breque?

O grande compositor brasileiro é Ary Barroso, entrevistado no final da década de 50 em Uberaba por um radialista na extinta boate *Yucadan*, depois de entoar sucessos como "Aquarela do Brasil". O radialista da Rádio Sociedade não se limita a perguntas da vida e da obra do compositor. Questiona também sobre o ascensorista batuqueiro da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. "Esse aí se tornou um grande cantor de samba de breque. É Jorge Veiga". Você deve estar se perguntando: mas e o garoto de 18 anos que foi cantar no show de calouros do Ary Barroso? Em 1958, entrevistou seu maior ídolo na apresentação que fez em Uberaba. Hoje, ao acompanhar as comemorações dos cem anos de nascimento do compositor de "No Rancho Fundo" e criador do samba-exaltação, o radialista Geraldo Barbosa dos Santos relembra emocionado a reportagem que fez com Ary Barroso e o dia em que pisou pela primeira vez no show de calouros da Rádio Tupi.

reprodução



Ary Barroso concedeu em Uberaba uma entrevista ao radialista que 16 anos antes foi um calouro no seu programa de rádio

issuu-downloader.com

Crônica

O carroceiro socialista

Gilberto Lacerda
6º período de Jornalismo

reprodução

Os movimentos dos olhos seguem o giro do ponteiro do relógio, iluminado pela luz da lua cheia que penetra suave por uma das muitas frestas do seu barraco. Não queria que o barulho do despertador acordasse sua pequena família, composta por cinco filhos, esposa, sogra, cão, gato e papagaio. Gostava de esperar a última volta do ponteiro antes de apertar o botão que desativa o barulho ensurdecedor. Testava seus reflexos desligado o despertador, antes que o mesmo ecoasse pelo pequeno barraco.

Estava alerta. Olhar fixo no ponteiro, apenas cinco segundos para despertar. 4, 3, 2, levanta-se com agilidade felina, pisa no felino que mia de dor e susto, desequilibrando-o. Antes de cair tenta em vão apertar o botão do despertador. Mesmo com todo o barulho ninguém abriu mão do sono. Só o cão, que correu atrás do gato.

Do lado de fora o fiel escudeiro. Seu companheiro de todos os dias já estava de pé. Mastigando e ruminando o capim seco do serrado. Já tinha uma certa idade. O pêlo sem brilho contrastava com a vivacidade radiante da lua. O carroceiro sempre cumprimentava a fonte de alimento de toda a família. Conversava com ele sobre coisas banais do dia a dia, como fazem os bons amigos. Um tema recorrente já era tradição nas conversas matinais. As idéias socialistas contidas num panfleto político, encontrado pelo carroceiro anos atrás. A relíquia até hoje tem morada garantida na sua carteira.

Sela o cavalo, ajeita a pesada carroça que durante todo o dia será a extensão do corpo do animal. Entra no barraco pela acanhada porta. Passa pela cozinha em pé de pano, velando o sono dos que dele dependem. A caminhada dentro do barraco é rápida, pois não existem cômodos ou divisórias.

Camas espalhadas anarquicamente, dividindo espaço com a cozinha, geladeira e algo que faz às vezes de um armário. Os pequenos dormem todos juntos numa cama de casal que parece ter sido feita para um dueto matrimonial de anões. A sogra, sempre de boca aberta, ronca baixo como um exército de cigarras. Num berço improvisado, o peito pequeno de uma criança constipada, entoa mais uma nota. O próximo som é terno. Um beijo na face velha e cansada da esposa que sorri dormindo enquanto afaga o travesseiro. A última melodia da sinfonia noturna da filarmônica da favela é o ranger das rodas da carroça que clamam por um pouco de óleo, para saciar sua sede provocada pelo atrito do girar constante de 15 horas diárias rodando pelas ruas acidentadas da capital do boi zebu.

Os passos do animal já não são tão rápidos como nos anos anteriores. A cada pedaço de papelão encontrado na rua, ou repousando em um terreno baldio, uma parada. O itinerário varia a cada dia. Há dias que é plano. Há dias que há morros. Nesses dias os músculos cansados são mais exigidos. Com o passar das horas o peso dos entulhos encontrados pelo caminho deixam a caminhada mais laboriosa. Solidário, o carroceiro desce acompanhado dos seus 87 quilos bem distribuídos nos seus 1,55 de altura. No alto do céu, o sol do meio dia, e o odor do almoço exalado das casas, avisam que é hora de comer. Os sons dissonantes provenientes do ventre do carroceiro, há horas tentavam chamar sua atenção para isso.

"Quem tem um muro daquele tamanho, não quer pobre por perto", filosofa, deixando latente sua visão socialista do mundo

Encosta a carroça e o cavalo próximo a uma árvore. Com a respiração ofegante, o animal agradece a providencial parada, encurvando a cabeça, como se dissesse de forma subserviente, "muito obrigado". Ou seria simplesmente a manifestação decorrente do seu esforço, o cansaço.

O balde de água e o muro

Atletas como Guga comem bananas durante as partidas para evitar o acúmulo de acido lático, vilão responsável pelas temidas cãibras. A banana nanica retirada de um embornal tem outra função para o carroceiro. Acalmar as cãibras do seu estômago. Depois de deglutir o seu almoço, o carroceiro caminha a pé pela rua a procura de algo familiar. Vislumbra a sua frente uma casa pequena e simples, encoberta pela opressora sombra de uma grande mansão de imponentes muros, plágios de uma Berlim extinta, que por décadas sofreu com a vergonha da divisória da intolerância.

Sem pestanejar caminha direto para a pequena casa. Bate palmas. Um minúsculo cachorro, cujo olhos aparentam saltar das órbitas de sua pequena e magra face, late, anunciando a visita. Uma anciã caminha a passos lentos, cerra os olhos e pergunta quem é. O carroceiro responde, e pede um balde de água para saciar a sede do seu fatigado animal. Sem responder, a velha abaixa-se com a velocidade de um monjolo. Enche o pequeno balde com um pouco d'água e entrega para o carroceiro. Suas mãos de tamanho improvável para sua baixa estatura, afrontam as pequeninas mãos da idosa. Ele agradece, ela apenas acena com a cabeça.

Defronte ao seu animal, o carroceiro explica porque escolheu a pequena casa, preterindo a grande mansão. "Quem tem um muro daquele tamanho, não quer pobre por perto", filosofa, deixando latente sua visão socialista do mundo. O cavalo bebe o liquido precioso enquanto escuta a opinião de fundo humanitário, sugerindo ao animal, com palavras veementes em tom de discurso, uma reforma na sociedade capitalista para diminuir um pouco as desigualdades sociais, observadas diariamente pelo carroceiro.

Carroça cheia no final da tarde. Hora de negociar. O material colhido durante o dia é vendido por poucos reais. Ao contar o dinheiro lembra-se dos tempos que trabalhava na fazenda colhendo arroz. Passava por dificuldades, mas as de hoje eram maiores. Uma peça, da voraz engrenagem da sociedade capitalista, privou o carroceiro do seu emprego. A colheitadeira continua a trabalhar pelos campos onde cresceu. Ele, cata lixo para sustentar a família.

Volta para casa desmotivado. Corpo cansado, ombros pesados, passos tristes. Suas forças só são restabelecidas ao ver os filhos brincando em meio à poeira. A mulher, o espera com o arroz quente, conseguido graças à filantropia de almas generosas. Ele que há instantes procurava uma motivação para continuar na vida que leva a sete anos, encontra no sorriso dos familiares que o esperam com os corações cheios e barrigas vazias, após a jornada de todos o dias. Quando à noite estende o seu véu de estrela sobre a favela, o carroceiro ajeita o despertador no horário de sempre. Mas dessa vez, arma-se com um chinelo e põem o gato para fora do barraco a chineladas.

issuu-downloader.com

Brasília

Dois séculos de sonhos

Projetos para a construção da nova capital no Planalto Central são esboçados desde o período colonial

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

A idéia de construir Brasília não surgiu de repente. Desde o século XVIII, sonhos e projetos já povoavam o imaginário político ao vislumbrar a possibilidade de a capital do Brasil ser transferida para o interior.

De acordo com pesquisa de Antônio Menezes Júnior, Marta Sinoti e Regina Fernandes Saraiva, publicada em "Olhares Sobre o Lago Paranoá" (www.semarh.df.gov.br/site), em 1750, quando o Brasil era ainda colônia de Portugal, o cartógrafo genovês Francisco Tossi Colombina elaborou a Carta de Goiás e sugeria a mudança da capital do país para essa região. Há também registros atribuídos a Marquês de Pombal, afirmando que o estadista português já sonhava com a mudança da sede de governo para o vale do Amazonas, transformando o Rio de Janeiro, sede do governo naquela época, em capital provisória.

A Missão Cruls mapeou clima, topografia, fauna, flora, cursos d'água, aspectos urbanos e arquitetônicos das cidades e o modo de vida dos habitantes

Os inconfidentes também demonstravam esse desejo. Em 1789 eles fizeram constar em seu programa a transferência da Capital Federal para São João Del Rei – para eles, o local que apresentava as melhores condições para abrigar o centro do governo, por causa de sua privilegiada localização geográfica e pela fartura de mantimentos.

No começo do século XIX, o jornalista Hipólito José Costa, através do Correio Braziliense, instigou uma forte campanha em defesa da transferência da capital. O jornalista indicava um ponto ideal, na zona dos mananciais dos rios Araguaia, Tocantins, São Francisco e Paraná – ou seja, justamente sobre o Planalto Central brasileiro. José Bonifácio, registrado na história como o "patriarca da independência", também foi um fervoroso partidário da substituição da capital. Ele vislumbrava a mudança para a cidade de Paracatu, no planalto mineiro, e propunha até mesmo o novo nome: Petrópole ou Brasília.

Para se orientar na imensidão do Brasil Central, Cruls calculava a posição das constelações e analisava o rumo a ser tomado

As qualidades ambientais e as riquezas naturais dessas regiões eram sempre citadas como um dos principais argumentos para a transferência. A outra justificativa era relacionada às questões estratégicas de segurança: um centro político localizado no interior seria menos vulnerável a ataques de conquistadores.

Com a Proclamação da República, em 1889, essa preocupação foi materializada na Constituição, que estabeleceu à União a propriedade de uma zona de 14.400 km2 no Planalto Central, que seria oportunamente demarcada para o estabelecimento de uma futura sede de governo.

Em 1892, para cumprir a Constituição, Floriano Peixoto nomeou a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, cujo objetivo era iniciar de fato a demarcação do Distrito Federal. Foi a primeira iniciativa oficial do governo brasileiro para concretizar a mudança da capital. Essa comitiva ficou conhecida por Missão Cruls.

Mapa nas estrelas

Luiz Cruls era um notável astrônomo belga, diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. Para cumprir a determinação de Floriano Peixoto, Cruls organizou uma equipe de 21 pesquisadores, entre geólogos, geógrafos, botânicos, naturalistas, engenheiros, médicos e higienistas, que seguiram a Ferrovia Mogiana, do Rio de Janeiro a Uberaba, e depois rumaram ao Planalto Central, percorrendo um total de 4 mil quilômetros.

Mas partir de certo momento, surgiu um problema de localização geográfica. Não havia quaisquer pontos de referência para prosseguir a viagem rumo ao interior. No entanto, para um astrônomo experiente, não foi difícil se guiar através de um mapa detalhado sobre os olhos: as estrelas. Assim, para se orientar na imensidão do território Brasil Central, Cruls calculava a posição das constelações e analisava, toda noite, o rumo a ser tomado. E dessa forma chegaram lá. A missão Cruls identificou a zona pré-definida pela Constituição, demarcando a área de 14.400 Km2. A partir dessa empreitada foi desenhado, pela primeira vez no mapa do Brasil, o "quadrilátero Cruls", criando oficialmente a expressão "Distrito Federal".

A comitiva realizou estudos científicos até então inéditos na região, mapeando aspectos climáticos e topográficos, além de estudar a fauna, a flora e os cursos d'água do trajeto, o modo de vida dos habitantes, os aspectos urbanos e arquitetônicos das cidades pelo caminho, além das doenças mais comuns. Em junho de 1894, após os resultados obtidos pela comissão, Luiz Cruls foi nomeado presidente da Comissão de Estudos da Nova Capital da União. Assim, com a incumbência de escolher o local definitivo para a edificação do novo centro político, realizou uma segunda missão com estudos mais detalhados, centrados no quadrilátero.

Quando Floriano Peixoto deixou a presidência, as medidas efetivas da troca da capital foram paralisadas. Os estudos só foram reativados em 1946, quando o presidente Gaspar Dutra nomeou Djalma Poli Coelho como o chefe da Comissão Técnica de Estudos de Localização da Nova Capital. Mas ainda assim, sem nenhuma medida prática.

Em 1952 o Congresso aprovou a lei que determinava estudos conclusivos para a edificação da capital. Novos estudos realizados por Donald Belcher foram concluídos em 1955. Neste ano, o presidente Café Filho aprovou a área, mas foi somente em 1956, no governo de Juscelino Kubitschek, que a construção passou a ser materializada. JK definiu inclusive a data prevista de inauguração – 21 de abril de 1960. Depois de uma aventura extraordinária da engenharia e da arquitetura, na data exata estabelecida por Kubitschek, a Brasília sonhada por dois séculos, cuja área fora demarcada há 70 anos, foi finalmente inaugurada e reconhecida como a capital do país.

Uma trajetória para o futuro

Grupo de pesquisadores refaz o percurso da Missão Cruls

Um grupo de 17 pesquisadores brasileiros decidiram reconstituir, em 2003, a trajetória do astrônomo belga Luis Cruls rumo ao Planalto Central. Para isso, desenvolveram o projeto "Missão Cruls: Uma Trajetória para o Futuro", coordenado por Pedro Jorge de Castro, Doutor em Comunicação e Artes. A expedição partiu no dia 10 de novembro da sede do Museu Nacional de Astronomia no Rio de Janeiro, e pretende chegar a Brasília no dia 25. A idéia é observar e comparar os aspectos analisados pela comitiva do século XIX, verificando as mudanças que ocorreram no século XXI.

Palestra será realizada no dia 14 (sexta-feira), às 14h30, no anfiteatro da Biblioteca da Uniube

Durante o percurso, serão realizadas exposições e palestras em universidades, prefeituras e centros de estudos científicos de 14 cidades, incluindo Uberaba. Serão também depositados nas bibliotecas materiais informativos sobre a Missão Cruls e sobre a história de Brasília.

Para o grupo, o Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central da Missão Cruls foi uma verdadeira trajetória para o futuro. "Resgatá-la, divulgá-la e estudá-la em todos os seus aspectos, sobretudo no que significou em pioneirismo e abertura de horizontes no panorama de desenvolvimento do Brasil, é uma homenagem a este gigantesco esforço técnico-científico que alavancou a posterior integração do Brasil Central e Ocidental através do avanço de novas estradas, da construção de Goiânia, da Marcha para o Oeste e, finalmente, na epopéia da construção de Brasília.", registram.

Integram a comitiva os biólogos Fabian Borghetti e José Roberto Pujol Luz; o engenheiro e cartógrafo Gilberto Pessanha Ribeiro; o jornalista e pesquisador Jarbas Silva Marques; o chefe de gabinete do Arquivo Público do Distrito Federal, Luiz Fernando Corrêa Silva; o cineasta e fotógrafo Miguel Furtado Freire da Silva; a geóloga Regina Clélia Haddad; o astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, entre outros.

A comissão de cientistas passará por Uberaba no dia 14 de novembro, na sexta-feira. Uma palestra sobre a Missão Cruls está prevista para as 14h30, no anfiteatro da Biblioteca Central da Uniube, no Campus Aeroporto.

divulgação

issuu-downloader.com